

A CRÍTICA GENÉTICA E HERMENÊUTICA DO SONETO “O MAIS GRAVE” DO POETA PEDRO LYRA

Eleonora Campos Teixeira e Nascimento (UNF)
norinhatli@yahoo.com.br

RESUMO

A crítica genética se dedica ao estudo do acompanhamento do processo criativo de um texto. Inicialmente, seu principal objeto de estudo foi o manuscrito, porém hoje muitos textos são criados direto no computador. Alguns, no entanto, na tentativa de preservação da rasura, utilizam-se de recursos que acabam por significar marcas do seu processo de escritura. O presente trabalho empreende a análise metódica da gênese do soneto “O mais grave”, do poeta Pedro Lyra (2002), tendo como aliada a Crítica Hermenêutica, uma prática interpretativa que interage com o processo criativo, e instaura uma relação entre criação e entendimento. Obedecendo ao impulso da natureza humana, que se renova, como afirma Cecília de Almeida Salles (2009), quando diz que “o indivíduo é permanentemente mutável”, vem aqui o poeta e estabelece rasuras, emendas, supressões, decomposições, acréscimos que farão de seu poema algo singular.

Palavras-chave: Crítica genética. Hermenêutica. Rasura. Escrita virtual.

1. Introdução

1.1. Um grave soneto

Realizaremos a análise da gênese de “O mais grave”, que é o “Soneto de Constatação-LIV”, do poeta Pedro Lyra. Escrito em 2014 e ainda inédito em livro, foi publicado apenas na página do autor no Facebook, o que demonstra a adaptação do poeta dos manuscritos ao virtual.

Percebem-se de imediato, como já demonstrei na análise de outro soneto do mesmo autor, duas notas características: que o texto não apresenta a estrutura tradicional do soneto e que os versos são decompostos em duas ou três linhas. Esses traços foram apontados por todos os seus críticos como uma marca pessoal, definidora de uma concepção pós-moderna do soneto, com estrofação livre.

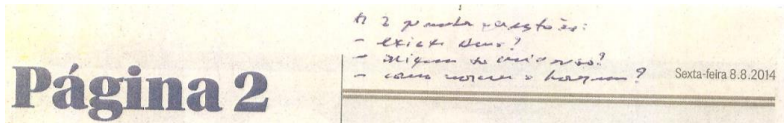
Como informa o autor no rodapé do texto postado, o soneto entrará na próxima edição de *Ideações – 30 Sonetos Conceptuais*, uns retirados do livro *Desafio – Uma Poética do Amor*, e outros inéditos, num opúsculo de 48 páginas, de 2012, e que reaparecerá com 61 sonetos. O autor informa também que tomou essa atitude ao perceber que muitos

sonetos se afastavam da temática do amor, bem como para evitar um livro muito volumoso, se incluísse nele todos os inéditos.

O soneto a ser analisado foi escrito em uma situação especial. Era o dia da defesa da Dissertação de Mestrado de uma aluna, Danyele Barros Bomfim, sobre “A relação homem-mundo antes dos conceitos ‘sujeito’ e ‘objeto’: Uma perspectiva metafísica e ontológica do entrelugar”. Disse-me o professor que deixara seu exemplar no carro e dirigiu-se ao auditório levando apenas o jornal *O Globo*, de “Sexta-feira 8.8.2014”. Sentou-se e, enquanto esperava o início da defesa e sem outro papel à mão, rabiscou na “Página 2” do jornal “As 3 grandes questões” que poderia formular à candidata:

- *existe Deus?*
- *origem do universo?*
- *como nasceu o homem?*

Como se vê no recorte:



O soneto vai abordar esses temas. Mais do que oferecer uma resposta, ele contestará as mais relevantes já fornecidas por religiosos, cientistas e filósofos, todas consideradas insatisfatórias.

2. Os documentos do processo

A gênese deste soneto apresenta apenas 6 documentos, sendo um esboço inicial, uma redação, duas transcrições, uma digitação e uma publicação virtual. Farei uma designação pelas abreviaturas entre parênteses na relação abaixo. São eles, fornecidos pelo autor:

- 1) **E.I.**– O esboço inicial, com os 3 temas do soneto, escritos no alto à direita da “Página 2” do jornal *O Globo* de “Sexta-feira 8.8.2014”.
- 2) **T-1** – A transcrição de E.I.
- 3) **M-1** – A redação do soneto sob forma manuscrita, numa expressão muito próxima da definitiva. No alto da folha, sublinhada, a data de “Rio, 17-8-14, noite”. Portanto, 9 dias depois de iniciado. Em baixo, entre parênteses: “20 minutos, no apartamento da Ana, um dia antes do

lançamento de *Protesto*”.⁴

- 4) **T-2** – A transcrição de M-1, com emendas e quebra dos versos. No alto, a data e a hora da digitação: “25/8/14, 22h”. Mais 8 dias depois de escrito.
- 5) **D-1** – A digitação de T-2, original para a 2ª edição.
- 6) P-1 – A 1ª publicação, na página do autor no *Facebook* em 2015.

Para comprovação da gênese apresento em anexo, no final da análise, M-1, T-2 e D-1, inserindo alguns recortes, além de P-1, na abertura deste texto.

3. A estrutura do soneto

Mesmo não sendo tarefa da crítica genética, mas da hermenêutica, e sabendo que as duas ciências estão intimamente ligadas, farei uma breve descrição do soneto para melhor encaminhar ao leitor no percurso das emendas.

As 3 indagações levaram à escritura do soneto em apenas 20 minutos, 9 dias depois, o que significa que o poeta guardou o jornal ou apenas o recorte, no dia 17/9/2014 à noite, não estabelecendo aqui a hora exata em que o fez, como é costume fazê-lo. O soneto, ainda sem título, foi transcrito de forma digitada outros 8 dias depois, em 25/8/2014, e agora o poeta marca a passagem do tempo, registrando a hora exata em que estabeleceu emendas e rasuras significativas: “(22h)”. Ele recebe marcas, de forma manuscrita, que darão novo percurso ao seu texto, e também o título, que já é o definitivo, quando finalmente é entregue ao leitor através da rede social *Facebook*: *O mais grave – Soneto de Constatação-LIV*.

O soneto se estrutura de forma não tão simétrica como em vários outros do poeta. Consta de 6 estrofes:

1 terceto de abertura;

3 blocos para as 3 questões, sendo 1 dístico e 2 tercetos;

1 dístico de comentário; e

⁴ Ana é filha do poeta, que mora no Rio. *Protesto* é outro livro dele, com o subtítulo de “Estados de Ser”, publicado pela editora Ibis Libris.

1 verso conclusivo.

Na abertura, o poeta invoca 3 das grandes instâncias do conhecimento, envolvidas nas 3 grandes questões que o soneto levanta: a religião, a filosofia e a ciência. Não inclui a arte e é através de uma delas que ele vai debater essas questões. Ele fará a relação de tais pilares com a razão da existência humana segundo cada uma ou a tentativa de descoberta da razão dessa existência.

A religião se baseia no sentimento sem necessidade de concretude que justifique a presença divina. Talvez possa ser essa, das três, a forma mais completa de se crer em algo, quando não se necessita tocar, ver efetivamente, mas apenas sentir. Porém respostas prontas podem satisfazer uma maioria no mundo, mas não é a resposta. A filosofia, crendo na existência e tentando explicá-la através de valores morais e éticos, com seus argumentos e intuições, pode tanto concluir com lógica impecável quanto negar com a mesma lógica impecável. Mas falham por não ter todos os dados de investigação. Na ciência, há um problema epistemológico. Podemos considerar que o meio de que ela se utiliza para buscar a verdade merece uma crítica: até que ponto a racionalidade é o caminho certo para a descoberta de algumas verdades que talvez ultrapassem os limites de resposta, exigindo outras funções tal como a intuição para respondê-las? Por incrível que pareça, talvez a ciência esteja mesmo mais próxima, pois Stephen Hawking, em seu afã de provar que Deus não é necessário no *big bang*, descobriu um número de mais de 20 casas decimais da força da explosão, onde a alteração do último dígito para mais ou para menos inviabiliza o universo com seres como nós, o que sugere uma forte possibilidade de um planejamento, como causa bem mais lógica do que a mera possibilidade estatística. E conclui que nenhuma das três respondeu satisfatoriamente as suas próprias questões mais graves.

Nos 3 blocos a seguir, o poeta especifica a questão básica de cada uma delas. No primeiro, invoca a religião para responder ao problema da existência de Deus. A resposta é insuficiente, pois o “messiânico” responde apenas que existe, mas sem nenhum argumento. No segundo, a ciência, para explicar a origem do universo. O “escafandrista” diz apenas que “brotou de uma explosão”, o Big Bang, mas não demonstra a formação da massa que explodiu. A formação dessa massa (universo), e sua explosão, ainda hoje não consegue ser explicada, ela não se justifica por si mesma, nenhum cientista comprova o surgimento desse universo, dessa explosão ou o que a teria provocado. Atualmente existe uma teoria da junção da ideia da crença em que Deus tivesse autorizado, permitido o

big bang. Uma conciliação de religião e ciência, tão problemática quanto as proposições das duas. No último bloco, convoca a filosofia para caracterizar a espécie humana, mas o “especulador” fala apenas da consciência e também não comprova o aparecimento do *homo* na terra.

Na 4ª estrofe, o poeta conclui que o homem prossegue em sua caminhada ignorando os 2 grandes dilemas: não sabe de onde veio (sua origem) nem para onde vai (seu destino). Esse desconhecimento compromete a existência, depreciada na imagem de uma “selva”.

Tudo isso é rematado na chave de ouro do soneto, com o fato mais grave: o homem não conhece a sua própria essência. E não sabe nada do mais importante da sua própria condição: não sabe a sua origem, o seu destino, não sabe como o mundo surgiu nem se Deus existe.

4. “O mais grave”, verso por verso

Agora vou mostrar a construção do soneto, verso por verso da versão definitiva, acompanhando sua transformação através dos manuscritos, das transcrições e das digitalizações.

1º VERSO:

O 1º verso deste soneto já surge em sua forma definitiva, sem emendas e sem quebra. A única observação a fazer é quanto à métrica. Sendo um decassílabo sáfico, teremos duas opções de leitura: uma sinérese em “-fia” mantendo o hiato em “ci-ên”, ou meter o hiato em “fi-a” com sinérese em “ciên”. O normal do poeta é a rejeição da sinérese, preservando os hiatos, que ele considera um fenômeno melódico. De fato, o verso não comportava nenhuma emenda:

Religião... Filosofia... Ciência...

2º VERSO:

O 2º verso sofre apenas a quebra em T-2. O poeta em M-1 conserva a expressão em uma só linha, porém em T-2 assinala de forma manuscrita o símbolo que representa a quebra do verso:

Nenhuma conseguiu até agora

Como já vimos, essa quebra reafirma sua marca poética e se mantém na sua ainda única publicação:

Nenhuma conseguiu

até agora

3º VERSO:

Este verso também já nasceu em sua forma definitiva. Como o anterior, também não comportava emenda e assim se manterá até a publicação no *Facebook*:

responder as três magnas questões.

4º VERSO:

É a 1ª grande questão, a mais radical, pois dela dependem todas as outras. Em *Confronto – Um diálogo com Deus*, livro de 2005, o poeta afirma:

Nossa viagem,
conTigo – *tem* *um* *sentido;*
sem Ti – um outro.

Em M-1, o verso aparece em uma só linha, ainda sem quebra, que será assinalada de forma manuscrita em T-2. Esta é a maior indagação do homem, que busca há milênios uma resposta. O verso ainda traz uma rasura especial, onde o substantivo “religião”, introduzido pelo artigo definido “a”, é substituído pelo substantivo adjetivado “messiânico”, talvez para evitar a repetição, e agora introduzido pelo travessão:

/ em messiânico
“Existe mesmo Deus?” – ~~A~~religião

Ocorreu aqui uma substituição especial. Numa análise hermenêutica, eu diria que o poeta não abrange a religião com amplitude de olhar, mas restringe aos religiosos, aqueles que creem. Poderia o poeta estar se referindo a todo religioso, às religiões que seguem uma autoridade, à religião sem questionamentos. O verso ficou assim:

“Existe mesmo Deus?”

– Um messiânico

5º VERSO:

Este verso também não sofre qualquer tipo de emenda desde a sua redação inicial. O poeta enfatiza que, na busca por desejar fervorosamente acreditar em algo, o indivíduo religioso agarra-se às explicações que lhes são dadas sem questionar ou argumentar. Talvez sinta um medo inconsciente de ampliar o seu olhar e sentir o vazio de não ter em que acreditar. Então:

responde apenas sim,

sem argumentos.

6º VERSO:

É a 2ª grande questão, formulada à ciência: a origem do universo. Foi criado por Deus ou existe desde sempre? Neste verso, além da quebra, o poeta faz uma nova substituição considerável em T-2, e novamente rasura suprimindo o substantivo “ciência”, que vinha acompanhado do artigo definido “a”, e o substitui pelo substantivo “escafandrista”, que vem acompanhado do artigo indefinido “Um”, introduzido pelo travessão:

Um escafandrista
“O Universo é de sempre?” – ~~A ciência~~

O tempo é uma ilusão da 4ª dimensão, segundo a ciência. Daqui deste mundo não conseguimos nem entender como algo pode existir desde sempre, uma vez que o tempo apenas começou a existir após a explosão do Big Bang. Podemos por enquanto nos conformar com a ideia de Hawking do universo cíclico, eternamente alternado em *big bang* e *big crunch*. O poeta usa, em substituição à ciência, a metáfora do escafandrista. O escafandro é uma roupa usada para um determinado ambiente. Dessa forma, a metáfora do indivíduo escafandrista viria como um indivíduo limitado, que enxerga as coisas através de uma roupagem, de um determinado prisma. Pela paisagem nublada do mar escuro, não pode olhar amplamente à sua volta para descobrir a origem e o fim. Outro ser, que não tivesse esse limite, enxergaria o mundo com uma visão muito mais ampla. O escafandrista seria um indivíduo sozinho, isolado, sem chegar a conclusões pela visão limitada.

7º VERSO:

Este verso também não sofre rasura, apenas a decomposição em T-2, ficando assim:

*afirma que brotou
de uma explosão*

8º VERSO:

O 8º verso também já nasce pronto. Permanece dessa forma até a publicação no *Facebook*:

mas não diz como a massa se formou.

9º VERSO:

Neste verso, temos um caso especial. Com apenas 6 palavras (“Como o Homo nasceu? A Filosofia”), e só 4 semanticamente carregadas pois duas são simples artigos definidos, na formulação primitiva de M-1:

“Como é o Homo nasceu?” A Filosofia

é o que foi mais retocado: 4 emendas. Ainda em M-1, introduz a forma verbal “é” e elimina “nasceu”, permutando assim o ato de aparecimento do homem (“como nasceu”) pela sua caracterização ontológica (“como é”). Em T-2, reproduzindo a atitude dos casos anteriores, rasura “A Filosofia” e, numa primeira opção, introduz “Um pensador”, com a barra. Mas depois rasura também esta emenda e introduz uma outra, “especulador”, sem dúvida que por motivo de métrica, para compor o decassílabo, pois a palavra “pensador” é mais expressiva:

*especulador
Um pensador
“Como é o Homo?” – A filosofia*

E assim o verso aparece em D-1, na forma definitiva:

“Como é o Homo?”

– Um especulador

10º VERSO:

Este verso sofre 3 alterações em T-2:

propala ^{1ª} *já* ^{2ª}
~~diz~~ *um ser consciente* ~~de si mesmo~~

Na 1ª, quando substitui o verbo “diz” por “propala”, introduz uma mudança de atitude do “especulador”: ao propalar, ele não apenas diz, mas divulga, espalha, torna público algo mesmo que algumas vezes não consiga provar. Na 2ª, quando acrescenta o advérbio de tempo “já” antes da tomada de consciência do ser, registra o marco de um estágio superior da espécie. Na 3ª, menos relevante, apenas reduz o adjetivo “consciente” para “côncio”, muito por razões métricas. O verso sofrerá uma 4ª emenda em P-1, rasurando “si mesmo” para “si próprio”. O si mesmo marca a ideia de algo que não muda, que permanece idêntico, que não aceita a sua multiplicidade, tenta responder sempre de uma forma igual. O si próprio age, se inventa, busca mudança, consciente de que não é sempre o mesmo. Nesta emenda, é provável que o poeta tenha observado também uma razão fonológica, para evitar a assonância em “ê” entre “mesmo” e “aconteceu” no verso seguinte, pois ele adota a antirrima em todo o livro. A quebra do verso só ocorre em D-1, ficando assim:

propala um ser já cônio

de si próprio

11º VERSO:

Na expressão de M-1, “mas não mostra como ele aconteceu”, o autor faz apenas a substituição do verbo “mostra” por “prova”, sem rasura, em D-1. O verbo “mostrar” viria apenas no sentido de expor as ideias, e “provar” é muito mais profundo e significativo no sentido de convencimento. Linear, como os outros 2 versos conclusivos das estrofes que apresentam as respostas das 3 instâncias do conhecimento, este ficou assim:

mas não prova como ele aconteceu.

12º VERSO:

E assim perambulamos pela selva

Em M-1 o verso surge com o verbo “continuamos”, para em T-2 ser substituído por “perambulamos”. O poeta assinala de forma manuscrita a quebra que realizará na versão definitiva do soneto, sem rasurar:

E assim perambulamos]pela selva

O verbo “continuar” imprime a ideia de um estado de consciência aparente, e “perambular” mostra a incerteza de onde se está e para onde se vai. E dificilmente responderemos à mais difícil de todas as perguntas, além do *Como?* e do *O que é?*, que é a pergunta: *Por quê?*

E assim perambulamos

pela selva

13º VERSO:

Este verso já nasce pronto, apenas marcado pela quebra em T-2. Vem complementar a ideia do verso anterior quando mostra um indivíduo que não consegue descobrir as razões nem do seu começo nem do seu fim, enquanto vive na busca incansável pelo entendimento de sua existência:

sem saber de destino

nem de origem.

14º VERSO:

O último verso do soneto também já nasce em sua forma quase definitiva, e essa quantidade de versos que surgiram quase prontos demonstra claramente como não foi difícil escrever este soneto. O poeta apenas insere a quebra e pluraliza o substantivo “essências” em P-1, precedido da preposição “de” em vez da preposição “da”, como em T-2. “Sem saber de essências”, não apenas de uma, a da condição humana, mas de todas as grandes questões debatidas no soneto; sem saber se temos alguma instância que perdura após a morte, se é um Universo caóti-

co guiado por forças cegas ou dirigido por uma mente inteligente. Sem saber se tudo é ao acaso ou se existe uma resposta que nos daria um consolo de que o Universo é infinitamente maior e melhor que o nosso entendimento poderia jamais sonhar.

Mais grave ainda:

sem saber de essências.

5. Mapa de Emendas

A seguir, um mapa mostra todas as emendas do soneto, verso por verso, nas suas sucessivas formas. Não foram muitas, pois o soneto já nasceu pronto como já observei.

Linhagem manuscrita: O esboço inicial, a transição do esboço, a redação do soneto e a transição da redação.

Linhagem eletrônica: A 1ª publicação.

LINHAGEM MANUSCRITA	REDAÇÕES	DATAS
	EI	Rio, 8/8/2014
	T-1	Transcrição de EI
	M-1	Rio, 17/8/2014
	T-2	Transcrição com emendas e quebras
D-1	Digitação de T-2	
LINHAGEM ELETRÔNICA	PUBLICAÇÕES	FONTES
	P-1	<i>No Facebook, 2015</i>

Na transposição para o quadro, dentre as diversas variantes renegadas, optei por registrar a última, mesmo sem rasura das anteriores.

VERSO 1

MANUSCRITOS	M-1	<i>Religião... Filosofia... Ciência...</i>
-------------	-----	--

VERSO 2

MANUSCRITOS	M-1	<i>Nenhuma conseguiu até agora</i>
	T-2	<i>Nenhuma conseguiu / até agora</i>

VERSO 3

MANUSCRITOS	M-1	<i>responder as três magnas questões.</i>
-------------	-----	---

VERSO 4

MANUSCRITOS	M-1	<i>“Existe mesmo Deus?” A religião</i>
	T-2	<i>“Existe mesmo Deus?” / – Um messiânico</i>

VERSO 5

MANUSCRITOS	M-1	<i>responde apenas sim, sem argumentos.</i>
-------------	-----	---

VERSO 6

MANUSCRITOS	M-1	<i>“O Universo é de sempre?” A ciência</i>
	T-2	<i>“O Universo é de sempre?” / – Um escafandrista</i>

VERSO 7

MANUSCRITOS	M-1	<i>afirma que brotou de uma explosão</i>
	T-2	<i>afirma que brotou / de uma explosão</i>

VERSO 8

MANUSCRITOS	M-1	<i>mas não diz como a massa se formou.</i>
-------------	-----	--

VERSO 9

MANUSCRITOS	M-1	“Como é o Homo?” A filosofia
	T-2	“Como é o Homo?” – Um especulador

VERSO 10

MANUSCRITOS	M-1	diz um ser consciente de si mesmo
	T-2	propala um ser já cõncio de si mesmo
	D-1	<i>propala um ser já cõncio / de si próprio</i>

VERSO 11

MANUSCRITOS	M-1	mas não mostra como ele aconteceu.
ELETRÔNICO	P-1	<i>mas não prova como ele aconteceu.</i>

VERSO 12

MANUSCRITOS	M-1	E assim continuamos pela selva
	T-2	<i>E assim perambulamos / pela selva</i>

VERSO 13

MANUSCRITOS	M-1	sem saber de destino nem de origem.
	T-2	<i>sem saber de destino / nem de origem.</i>

VERSO 14

MANUSCRITOS	M-1	Mais grave ainda: sem saber da essência.
	T-2	Mais grave ainda: / sem saber da essência.
ELETRÔNICO	P-1	<i>Mais grave ainda: / sem saber de essências.</i>

5. Conclusão

A crítica genética nos possibilita um novo olhar sobre o texto e re-faz a nossa ideia de construção e todos os procedimentos que envolvem a escritura. Aquela ideia inicial, de que um texto daquele autor que tanto admiramos nasce pronto, cai por terra, quando percebemos que humanamente ele se permite rasurar, alterar, mexer com toda sua liberdade criadora e então isso torna o texto ainda mais valioso, pois foi pensado de vá-

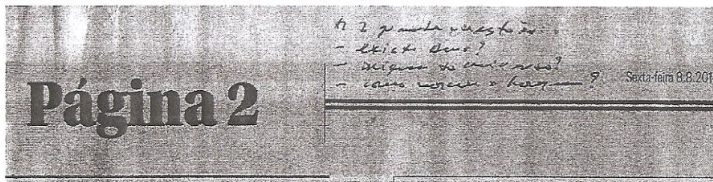
rios ângulos, reescrito, aprimorado. A escrita deste soneto realizada diretamente no computador, e seu lançamento na mídia digital, possibilitaram efetivamente a resposta direta do público, que passa a se considerar quase que coautor do texto. Os inúmeros comentários, sugestões, acabam por fazer o autor, algumas vezes, realizar emendas significativas. Este soneto, em especial, promove profundas reflexões quanto às grandes questões existenciais, quando nenhuma das ciências conseguiu até hoje responder de forma concreta às mais importantes indagações sobre o universo e o destino do ser humano.

6. Documentos do processo

1- E I



2 - T - 1



As 3 grandes questões:

- existe Deus?
- origem do universo?
- como nasceu o homem?

3 - M-1

Rio, 17-3-14, noite

Religião -- Filologia -- Cosmologia --

Nada mais conseguiu até agora
responder a três maiores questões.

"Existe mesmo Deus?" A Religião
responde apenas sim, sem argumentar.

"O universo é eterno?" A Cosmologia
apenas responde de uma maneira
negativa, mas não dá nenhuma explicação
de como o universo se tornou.

"Como é feita a vida?" A Filologia
dá uma série de explicações de ciências
~~partindo de suposições de natureza~~
mas não responde como ele aconteceu.

E assim comprovamos pela ciência
que sobre as questões não há respostas
pois para cada uma sobre as questões:

—————
(De respostas, no momento de Deus,
uma só sobre a linguagem de "Paradiso")

25/8/14, 22h

Religião... Filosofia... Ciência...

Nenhuma conseguiu [até agora
responder as três magnas questões.

/ Um mecânico
“Existe mesmo Deus?” – ~~A religião~~
responde apenas sim, sem argumentos.

/ Um escopista
“O Universo é de sempre?” – ~~A ciência~~
afirma que brotou] de uma explosão
mas não diz como a massa se formou.

espeleto
/ Um filósofo
“Como é o Homo?” – ~~A filosofia~~
Mapa 14 diz um ser consciente de si mesmo
mas não mostra como ele aconteceu.

E assim perambulamos] pela selva
sem saber de destino] nem de origem.

Mais grave ainda:] sem saber da essência.

5 – D -1

Religião... Filosofia... Ciência...
Nenhuma conseguiu
até agora
responder as três magnas questões.

“Existe mesmo Deus?”
– Um messiânico
responde apenas *sim*, sem argumentos.

“O Universo é de sempre?”
– Um escafandrista
afirma que brotou
de uma explosão
mas não diz como a massa se formou.

“Como é o Homo?”
– Um especulador
propala um ser já cômico
de si mesmo
mas não prova como ele aconteceu.

E assim perambulamos
pela selva
sem saber de destino
nem de origem.

Mais grave ainda:
sem saber da essência.

A GÊNESE DE “O MAIS GRAVE”

Eleonora Campos

O MAIS GRAVE
SONETO DE CONSTATAÇÃO-LIV
PEDRO LYRA

Religião... Filosofia... Ciência...
Nenhuma conseguiu
até agora
responder as três magnas questões.

“Existe mesmo Deus?”
- Um messiânico
responde apenas *sim*, sem argumentos.

“O Universo é de sempre?”
- Um escafandrista
afirma que brotou
de uma explosão
mas não diz como a massa se formou.

“Como é o Homo?”
- Um especulador
propala um ser já cômico
de si próprio
mas não prova como ele aconteceu.

E assim perambulamos
pela selva
sem saber de destino
nem de origem.

Mais grave ainda:
sem saber de essências.

Para a 2ª ed. de *Ideações – Sonetos conceptuais*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LYRA, Pedro. *Desafio: uma poética do amor*. 3. ed. Fortaleza: Topbooks /UFC, 2002.

SALLES, Cecília Almeida. *Crítica genética: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo criação artística*. Série Trilhas. São Paulo: Educ/PUC-SP, 2008.

_____. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Anablume, 2009.

TEIXEIRA, Eleonora Campos Teixeira; SOUZA, Carlos Henrique Meireiros de; LYRA, Pedro. Crítica genética do manuscrito ao virtual: a gênese literária inicia-se na rasura. *Anais do III Colóquio Interdisciplinar de Cognição e Linguagem*. Campos dos Goytacazes: UENF, 2012, p. 192-205. Disponível em:

<http://www.pgcl.uenf.br/cicl/download/anais/Anais_Col%C3%B3quio.pdf>. – Acesso em: 20 dez. 2014.

WILLEMART, Philippe. *Crítica genética e psicanálise*. São Paulo: Perspectiva; Brasília: CAPES, 2005.